



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 23, v. 1
nov.-dez. 2025
p. 129-148

“Ponham suas tripas no papel”: Epistemologias *queer/cuir* nordestinas e a poética da narrativa de si

(“Throw your guts on paper”: Northeastern queer/cuir epistemologies and the poetics of self-narrative)

(“Pon tus tripas en papel”: epistemologías queer/cuir del noreste y la poética de la autonarrativa)

Angélica Nobre Mendes¹
Augusto Ferreira Ramos Filho²

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de explorar as vivências de resistência de pesquisadores *queer* nordestinos à heteronormatividade, através da análise do poema “Lembrete para aprender a falhar”. Por meio de uma jornada etnobiográfica propomos um mergulho em experiências que encontram as garras da imposição da heteronormatividade no contexto nordestino brasileiro e a narrativa de si como ferramenta para se escapar. A poética *queer* não abarca apenas a descrição de narrativas, se questiona e tensiona quais corpos são autorizados a enunciar. A heterossexualidade opera enquanto regime político e os efeitos da heteronormatividade influenciam o modo de ocupar o mundo e como as relações se constroem. Tais processos são atravessados por autoritarismos desde a colonização, causando marcas na construção das identidades dissidentes. A partir da provocação sobre (re)aprender a falhar se rompe com a norma e se subverte a organização de mundo excludente, instaurando novos sentidos às existências LGBTQIAPN+.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa de si; Existências *queer* nordestinas; Heteronormatividade.

Abstract: This article aims to explore the experiences of resistance of northeastern queer researchers to heteronormativity, through the analysis of the poem “Reminder to learn how to fail”. Through an ethnobiographical journey, we propose a dive into experiences that encounter the grip of the imposition of heteronormativity in the Brazilian northeastern context and the self-narrative as a tool to escape. *Queer* poetics does not just encompass the description of narratives, but question and tension which bodies are authorized to enunciate. Heterosexuality operates as a political regime and the effects of heteronormativity influence the way of occupying the world and how relationships are built. Such processes have been permeated by authoritarianism since colonization, causing marks in the construction of dissident identities. From the provocation about (re)learning to fail, the norm is broken and the exclusionary world organization is subverted, introducing new meanings to LGBTQIAPN+ existences.

Keywords: Self-narrative; Northeastern queer existences; Heteronormativity.

Resumen: Este artículo explora las experiencias de resistencia de investigadores queer del noreste frente a la heteronormatividad, analizando el poema “Recordatorio para aprender a fallar”. A través de un viaje etnobiográfico, se propone una inmersión en experiencias que enfrentan la imposición de la heteronormatividad en el contexto del noreste brasileño, utilizando la autonarrativa como herramienta de escape. La poética queer no se limita a describir narrativas, también cuestiona qué cuerpos tienen autorización para enunciar. La heterossexualidad opera como un régimen político, influyendo en cómo ocupamos el mundo y construimos relaciones. Estos procesos han estado marcados por el autoritarismo desde la colonización, dejando huellas en la construcción de identidades disidentes. La provocación de (re) aprender a fallar rompe la norma y subvierte la organización mundial excluyente, introduciendo nuevos significados a las existencias LGBTQIAPN+.

Palabras clave: Autonarrativa; Existencias queer del noreste; Heteronormatividad.

¹ Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC). Psicóloga e Psicoterapeuta (CRP 15/6310). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Comportamento - GEPGEC. Integrante da Rede Brasileira de Estudos em Bissexualidade e Monodissidência (REBIM). Bolsista CAPES. Email: angelicanobrem@gmail.com

² Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDiC). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Comportamento – GEPGEC. Email: augusto.filho@uneal.edu.br.



Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel (Anzaldúa, 2000).

1 INTRODUÇÃO

Em uma realidade eminentemente cisheteronormativa é urgente que continuemos. Sustentar o lugar de pessoa LGBTQIAPN³ e pesquisadores em gênero e sexualidade - sem excluir demais marcadores sociais como raça/etnia, idade, religiosidade, dentre outros - não é uma experiência simples, assim como ser uma pessoa dissidente no Brasil também não significa um lugar fácil de habitar.

Ao longo do artigo exploraremos como a heterossexualidade compulsória se apresenta enquanto encontro entre as nossas vivências. O debate ganhará corpo através da análise do poema “Lembrete para aprender a falhar”, no qual olharemos para um posicionamento ético-político-estético da “falha”. Cabe, então, nos apresentarmos: a primeira autora identifica-se como uma mulher branca, bissexual, cisgênera, nascida e criada no Estado de Alagoas e o segundo autor identifica-se como homem branco, gay, cisgênero, do Estado da Paraíba.

Partilhamos o Nordeste enquanto território de rompimentos, dissidências e subversões. Traçamos estes lugares de produção de conhecimento situados para convocar as possibilidades de criações de epistemologias *queer*⁴ nordestinas. Partimos de algumas perguntas: Como se fazem as experiências das(os) pesquisadoras(es) *queer/cuir* no Nordeste do Brasil? Quais são as possíveis estratégias para lidar com os efeitos da heteronormatividade na construção das nossas identidades?

Ao demarcar de quais lugares partem nossos posicionamentos, empenhamos atenção e cuidado no exercício de elaboração de conhecimentos localizados, uma vez que há uma complexa rede de relações de poder que interferem nas condições sociais que cada corpo enfrenta (Haraway, 2009). Apesar do Brasil constituir-se como um país continental, quando adentramos no âmbito da produção científica, o Nordeste ainda é marcado enquanto periferia nacional e global como pontua Santos (2018). Assumimos a responsabilidade ao nos unirmos às vozes decoloniais que tecem críticas ao modo hegemônico de se fazer ciência, denunciando, portanto, os apagamentos que compuseram os projetos de epistemicídios ocorridos no Sul Global.

A decolonialidade se entrelaça às temáticas de gênero, sexualidade, raça/etnia e classe, em primeira instância, para reclamar a quebra da criação autoritária de um sujeito único e universal. O

3 LGBTQIAPN+ é uma sigla que engloba Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, *Queer*, Intersexuais, Assexuais/ Arromânticos, Pessoas Não-binárias, além de outras identidades de gênero e orientações sexuais.

4 *Queer* é um termo da língua inglesa que originalmente significa “estranho” ou “esquisito”. A palavra foi ressignificada por movimentos ativistas e teóricos, passando a ser usado para desafiar normas e categorizações de gênero e sexualidade, funcionando como um termo guarda-chuva para identidades não normativas (LGBTQIAPN+).



olhar pós-colonial e pós-estruturalista nos trouxe chão para pensar na construção das identidades como processo dinâmico e não finalizado, ou seja, se (re)faz a partir de diversas práticas discursivas e vivências comunitárias. É necessário evidenciarmos que na maior parte das experiências um dos entraves iniciais do processo de questionamento da identidade, e posterior autoaceitação, caracteriza-se falta de apoio psicossocial. Esta realidade é ainda mais delicada quando olhamos para a construção sócio-histórica e cultural do Nordeste do Brasil enquanto “terra de cabra macho”, como costuma ser ouvido nas cidades nordestinas (Antas; Garcia, 2022; Santos, 2018).

Existem diversos processos de estranhamento que ocorrem em múltiplas dimensões que se entrecruzam ao longo do nosso desenvolvimento enquanto ser no mundo. Afeiçoar-se com a faceta do estranhamento enquanto fluidez de si e para si é um desafio que remete a um processo que, mesmo existindo uma espécie de “marco zero”, não busca por finalizações. Aqui percebemos emergir a necessidade de implicação da nossa existência diante da nossa história, que abarca presente, passado e futuro simultaneamente, no sentido de se convidar e cultivar abertura para criação de um outro entendimento de si.

O trecho que inicia este artigo vem do ensaio “Falando em línguas: uma carta para às mulheres escritoras do terceiro mundo”, de Gloria Anzaldúa (2000), que traz provocações que concentram o poder de estremecer o corpo inteiro num movimento intenso próprio de sua escrita. Enquanto mulher, chicana, feminista e lésbica, mescla em seus escritos o espanhol, inglês e chicano, e fala de um lugar compromissado com a escrita inflamada, pois “não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar.” Ao endereçar esta carta, Gloria direciona nossos sentidos para as feridas nunca saradas em nosso interior.

Desde o processo colonial, naturaliza-se aos corpos lidos como “mulheres” sentimentos de medo(s) e insegurança(s), Anzaldúa dá nome às opressões e nos instiga a não esperar condições supostamente adequadas para escrever sobre o que pulsa internamente, uma vez que, a estas expressões, já não é dado espaço ou reconhecimento. Expõe o ato de escrever como uma alquimia, uma maneira de encontrar a si mesma, não como o “outro”, mas como um “eu” completo. Ao corroborar com este pensamento, a escritora, poeta, ativista lésbica negra, Audre Lorde (2019, p. 53-54), expressa acerca das formas preocupantes como somos silenciadas em diversos espaços, coloca que “fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar.”

As duas autoras, Gloria Anzaldúa e Audre Lorde, denunciam o quanto os sistemas de dominação e opressão nos exigem obediência a um custo extremamente alto, aprendemos a vigiar



cada passo dado e a aniquilar desejos. A colonialidade se desenvolveu de forma a moldar como as nossas relações são autorizadas a acontecer e quais subjetividades são relevantes “o suficiente”. A afetação que Gloria nos provoca traz motivação para pensar: o que nos barra de escrever colocando “minhas tripas no papel”? A necessidade de corresponder às imposições acerca do entendido e esperado enquanto a “escrita científica correta”. A ameaça da repressão recai como vigília e como régua que mede o caminho da nossa expressão.

Ao pautar as epistemologias *queer/cuir* tensionam-se quais saberes estão sendo produzidos e por quais sujeitos, portanto, estranhar as noções de identidades abarca estranhar o que está posto enquanto saber-poder hegemônico que avança para nos engolir. O trânsito é, sem dúvida, indigesto. O entendimento acerca de uma poética *queer*, conforme salienta Alós (2010), não envolve apenas o processo de descrever narrativas, objetiva questionar a organização do mundo social e certamente está transpassada pela subjetividade de um grupo social específico. O termo *queer* vem da língua inglesa e já neste ponto cabe o questionamento: *queer* abarca mesmo a pluralidade que estamos construindo enquanto múltiplas identidades LGBTQIAPN+ no Sul Global?

Ao falarmos “cuir” convidamos Tertuliana Lustosa (2023) com sua proposta provocadora de “educar com o cu”, assim como também trazemos a menção a Thiffany Odara com a Pedagogia da Desobediência. Falar sobre existências dissidentes no Brasil envolve uma série de nuances e impasses, até mesmo dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+, então trazer o cu e o prazer como ferramentas para transformação da nossa realidade é ato explícito de desobediência ao cis-tema⁵, feito para promover sentimentos de vergonha, diante do histórico cultural moralista judaico-cristã. Além de sistematicamente operar de forma a impossibilitar a permanência de pessoas trans e travestis nos espaços educacionais a partir da lógica da negação social, presente nas políticas e nas pessoas.

Ainda, se faz necessário problematizar as especificidades culturais, sociais e políticas que moldam o Nordeste brasileiro ao discutirmos o conceito de “cuir”. O termo vai além de uma equivalência com o *queer* originado no Norte global. Compreendemos o termo como uma prática conceitual que carrega e produz tensões, reconfigurações e resistências. Podemos dizer que “cuir” é um significante, partindo da perspectiva de Garcia-Roza (1994), da textualidade do texto como ferramenta para provocar releituras, assim como novas possibilidades de interpretação. Retornaremos a essa discussão adiante.

A entrada da arte, então, possibilita (re)fazer mundos a partir do uso da linguagem poética

5 A utilização do termo “cis-tema” funciona como um trocadilho para a palavra “sistema”, enfatizando a cisgeneridade como um dos pilares da sociedade heteronormativa que vivemos.



advinda de um lugar engajado com a quebra da estrutura hegemônica binária e genitalista. Sabemos que a autorização de si, enquanto sujeito que enuncia, não está dada sem luta e as expressões artísticas podem se inserir neste cenário enquanto ferramenta e amparo no movimento de contestação da realidade. A perspectiva poética da narrativa de si age enquanto insurgência no caminho de se entender pessoa LGBTQIAPN+, uma vez que corporifica seu “eu” na retomada de sua história enquanto intervenção cultural (Alós, 2010).

Neste percurso, a consolidação da autoafirmação enquanto pessoas *cuír*, nos trouxeram uma carga intensa de variadas emoções e sentimentos, principalmente a raiva e indignação quanto ao silenciamento. Enquanto nos descobrimos, o silenciamento nos tortura, nos enche desse (suposto) não-saber e não-lugar. Dúvida redobrada, vigilância intensificada. A construção da narrativa de si enquanto pesquisadoras(es) envolve revisitar entraves e limitações, uma vez que no interior do universo acadêmico as estruturas de dominação estão muitas vezes amparadas sob o argumento de falarem “em nome da ciência”. De qual ciência estamos falando?

Esta pesquisa se fundamenta, também, nas narrativas de histórias pessoais, como prática *queer*, com o propósito de subverter as categorias heteronormativas, especificamente nas ciências, ao se utilizar das próprias vivências para questionar a cisgeneridade e heterossexualidade compulsória, explorando outras possibilidades de existência. O objetivo desta pesquisa se debruça em explorar as vivências de resistência de pesquisadores *queer/cuír* nordestinos à heteronormatividade através da análise do poema “Lembrete para aprender a falhar”. Em um exercício de escrita a duas mãos, os autores tecem este texto em alternância, entrelaçando suas vozes e experiências. Essa multiplicidade de olhares pode gerar desvios no percurso da narrativa, convidando a pessoa leitora a um mergulho rico em nuances de suas subjetividades.

No que concerne a estrutura do texto, a seguir contextualizamos acerca da etnobiografia e a poética *queer/cuír*, na sequência debatemos sobre o cenário da heteronormatividade no Nordeste brasileiro, para posteriormente adentrar na divisão das análises do poema em duas cenas: As garras da heteronormatividade e Florescer da autoaceitação. Cada cena será explorada em detalhes, revelando as nuances de emoções e experiências que marcaram as nossas jornadas, ao passo que exercemos críticas que mesclam os tópicos expostos ao longo do artigo.

2 ETNOBIOGRAFIA E POÉTICA *QUEER/CUÍR*

Motivados por um desejo de autoexploração, embarcamos em uma jornada etnobiográfica, revisitando nossas histórias através do poema inédito “Lembrete para aprender a falhar”. O poema é uma reflexão sobre a heteronormatividade e a violência experienciada por corpos *queer/cuír*. Em



outras palavras, as trajetórias dos desviantes em disputa com o cis-tema regularizador, subvertendo o lugar de invisibilidade.

Como expressei anteriormente, Haraway (2009) nos ajuda no processo de articulação dos saberes localizados, assumindo a não neutralidade da escrita e o comprometimento com a realidade vivenciada. Através da análise deste poema, portanto, pretendemos lançar luz sobre o debate em torno das epistemologias *queer/cuír* nordestinas e a poética da narrativa de si. A estrutura deste texto se inspira na obra de Soares, Quadros e Mattos (2022). Dois fragmentos do poema serão examinados de forma individualizada, entrelaçando-os com memórias e reflexões que elucidam cada cena criada de forma profunda e associativa.

A poesia “é uma necessidade vital da nossa existência”, como expressou Audre Lorde (2019, p. 45). A escritora nos convida a experimentar essa modalidade de escrita a partir da possibilidade de olharmos com honestidade para nossas dificuldades mais íntimas, assim como é um caminho para aprender a respeitar os nossos sentimentos. Ao dissecar cada verso de “Lembrete para aprender a falhar”, pretendemos desvendar as camadas de significado que se escondem em sua linguagem. Através de um mergulho em nossas memórias, buscaremos tecer conexões entre os versos e as vivências que compõem nossas identidades.

O método etnobiográfico, assim como autoetnografia, mantém uma relação proximal com o campo e com os corpos, sendo uma metodologia que assume a experiência vivida a partir da reflexão. Neste sentido, o método conecta a subjetividade individual à experiência coletiva, possibilitando que os sujeitos se posicionem tanto como pesquisadores quanto participantes de uma realidade compartilhada. Viviane Vergueiro (2015) inclui, entre as várias possibilidades do método, os estudos de narrativas pessoais, auto histórias, etnografia pessoal e etnografia nativa.

Neste trabalho, a transição entre o individual e o coletivo é importante para darmos contornos às epistemologias *queer/cuír* nordestinas, permitindo que as memórias das pessoas marginalizadas e dissidentes, se misturem com a memória social e histórica da comunidade, não apenas como categorias teóricas, mas como experiências concretas vividas por pessoas de acordo com suas especificidades culturais, sociais e geográficas. Assim, ao aproximar-se das memórias das pessoas autoras, se propõe a reflexão crítica sobre as vivências de gênero e sexualidade em contextos não normativos no Nordeste brasileiro.



3 A HETERONORMATIVIDADE NO NORDESTE BRASILEIRO

3.1 Se escrever é uma alquimia, o que significa *queer/cuír* para nós do Nordeste Brasileiro?

Concordamos que, embora não seja consenso, utilizar as nomenclaturas advindas da língua dos colonizadores talvez não nos sirva. Aliás, concordamos também que utilizar a língua do inimigo é uma ferramenta potente para contracolonizar, como ressaltado por Antônio Bispo (2023, p. 14), o piauiense memorável Nego Bispo, que nos diz: “temos que enfeitar a língua. Posso dizer que sou feiticeiro, qual é o problema? Mas sou feiticeiro e milagreiro, porque sou politeísta e sei fazer o efeito tanto pelo milagre como pelo feitiço.” Ou seja, quando ele nos estimula a semear as sementes que são nossas, assim como as que não são nossas, nasce uma brecha para a transformação da mente, pois o movimento feito é com esta intencionalidade.

Tertuliana Lustosa (2023) expõe que o uso do “cuír” ou “kuír” demonstra os enfrentamentos atravessados pelos corpos terceiro-mundistas, de forma que acionar o cu remete ao dismantelo da lógica binária e reducionista focada no pênis e/ou vagina. Esta lógica se debruça na contrassexualidade proposta por Preciado (2022) ao reivindicar a universalização do cu como prática estigmatizada e abjeta no âmbito do heterocentrismo. Da mesma forma, é alinhada à proposta de Deleuze e Guattari (2010) que incluem o ânus como uma parte sexual do corpo. Portanto, “cuír” remete às nossas vidas e experiências a partir de deslocamentos que desafiam os parâmetros do Norte Global.

O “cuír”, neste artigo, não faz parte de uma universalidade do *queer*. Parte das marcas das nossas histórias de violência colonial, racismo estrutural e desigualdades. Podemos dizer que é uma ferramenta crítica, assim como uma forma de habitar o mundo, de resistir aos universalismos ocidentais colonizadores. Colocamos o termo “entre aspas” por se tratar de um conceito em disputa que atravessa historicidades e diferentes subjetividades. Para nós, autores nordestinos, “cuír”, também significa tudo aquilo que resiste e escapa às normatividades.

Portanto, a problematização do termo “cuír” no Nordeste exige que nos afastemos de qualquer tentativa de fixar um significado estável. Ao invés disso, precisamos entendê-lo como uma prática situada, moldada pelas condições materiais e simbólicas da região. Se há uma especificidade em ser “cuír” no Nordeste, ela está precisamente nessa articulação constante entre a resistência à normatividade global e a reivindicação das potências culturais locais, conforme exploraremos a seguir através da artista Juliana Linhares, que utiliza a sua arte para tematizar sobre o Nordeste, e o artista Getúlio Abelha que articula seus saberes ao redor da estigmatização da pessoa dissidente enquanto “perigo” (Lustosa, 2023; Sousa, Colling; Casteleira, 2024; Colling; Santa’ana, 2019).



3.2 A heteronormatividade no Nordeste brasileiro

A heterossexualidade é descrita por Monique Wittig (2022, p. 25) como um regime político e não apenas enquanto uma instituição, pois está apoiado na submissão e apropriação das mulheres e demais corpos que escapam a norma. Também neste regime, através das categorias binárias homem/mulher e heterossexual/homossexual, fora criada uma matriz que torna inteligível determinadas identidades de gênero e as demais expressões como falhas, segundo Judith Butler (2023). A binariedade e a cisgeneridade estão intimamente entrelaçadas, uma vez que cumprem a função de demarcar quais corpos são autorizados a compor a sociedade enquanto “normais”.

Tais dicotomias foram produzidas para assinar o contrato socialmente utilizado para justificar o sistema de dominação de alguns corpos em detrimento de outros, a ideologia da diferença sexual se constitui de maneira a impossibilitar seu questionamento, pois se reforça em todos os níveis da realidade social. Wittig (2022, p. 64) acrescenta que “a função da diferença é mascarar em todos os níveis, os conflitos de interesses, inclusive os ideológicos.” Masculinidades não hegemônicas como as afeminadas, sapatonas caminhoneiras, por exemplo, são expressões vistas socialmente como “desviantes” e “anormais”. A existência de bissexuais também, pois sofrem apagamento dentro e fora da comunidade LGBQIAPN+, socialmente carregam o peso de pessoa “não confiável” e “perigosa”.

Através do diálogo com as autoras Butler (2023) e Wittig (2022), Paul Preciado (2022, p. 41) estabelece a denúncia de que a máquina heterossexual justamente se sustenta a partir da produção da falha e se beneficia dela para a perpetuação do signo da veracidade, como salienta: “a identidade homossexual, por exemplo, é um acidente sistemático produzido pela maquinaria heterossexual, e estigmatiza como antinatural, anormal e abjeta em benefício da estabilidade das práticas de produção do natural.” Vemos que, mesmo existindo várias homossexualidades (e demais dissidências) nas realidades nordestinas, o estigma opera reduzindo a existência a uma marca da qual a hegemonia depende para se contrapor.

A partir do que conhecemos como Brasil, o Nordeste foi o território que primeiro experimentou o travoso gosto dos processos de colonização. Aqui nesta terra, as relações se costuraram em complexas dinâmicas sociais, econômicas e culturais, portanto, é de extrema relevância destacar que as realidades nordestinas são plurais. As regiões Sul e Sudeste demarcaram sua hierarquia por meio da perspectiva política e econômica ao relegar ao Nordeste um suposto lugar de atraso, esquecimento, pobreza e desenvolvimento raquítico (Albuquerque Júnior, 2011).

Através das produções musicais podemos nos aproximar de algumas representações difundidas sobre o Nordeste, uma vez que existem significados e sentidos em disputa. “O povo



nordestino” é construído no imaginário nacional como uma identidade única que remete a “ser resistente”, comumente atrela-se aqui a justificativa de que convivemos com os períodos de seca que cortam diversos dos nossos estados, nas regiões áridas e semiáridas. Contudo, estas perspectivas não são suficientes para dar conta da produção de espaços sociais e afetivos ao longo da historiografia nordestina, é através do reconhecimento da produção da diferença que o(s) nordeste(s) e as pessoas nordestinas podem ser visibilizadas (Albuquerque Júnior, 2011).

Juliana Linhares, artista de Natal/RN e mulher lésbica, através do álbum lançado em 2021, traz críticas a estas representações na música “Nordeste ficção”, expondo o Nordeste como “invenção política”, inspirada pela obra de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) “A invenção do Nordeste e outras artes”. Ao embarcar na metáfora de que seria ela um cacto tece provocações sobre os estereótipos espalhados pelo país e a intencionalidade política contida nisto, como denuncia no trecho: “é fama pra dizer que a gente aguenta (vivo intacto) / que manda chumbo grosso e nós sustenta (vivo intacto) / botaram pra vender nessa esperança (vivo intacto) / criaram o roteiro dessa dança (vivo intacto)”. Na música, também pauta processos de migração que historicamente aconteceram e continuam acontecendo, sua intenção é estimular o olhar para reinvenções do Nordeste diante da diversidade que sempre nos constituiu.

Encorpando o debate acerca das representações que constituem os signos nordestinos e que, conseqüentemente, influenciam no estabelecimento da heterossexualidade compulsória, a religião cristã é reconhecida marca da cultura popular. Nesse sentido, a dicotomia entre o bem (divino) e o mal (profano) permeia a cultura da região, perpetuando uma visão moralista e conservadora (Peloso, 2019). Assim, através das relações de poder e dominação, firma-se um ambiente hostil para identidades e expressões de gênero e sexualidade que divergem da heteronorma.

A heteronormatividade no Nordeste brasileiro está enraizada nas instituições e estruturas sociais dos distintos cotidianos nordestinos e se manifesta através de diversos arquétipos. A mulher é representada como uma figura submissa e a ela pertence o ambiente doméstico, refletindo a ideologia patriarcal expressa como “tradicional” na sociedade nordestina (Lima Arrais, 2023). A representação hegemônica da masculinidade no Nordeste é o cabra-macho, arquétipo que retrata uma masculinidade rígida e agressiva (Antas; Garcia, 2022).

Essa estrutura de poder é fruto da ideologia patriarcal e valoriza uma expressão de corpo que assume conformidade à norma, excluindo as demais narrativas. A heteronormatividade, ao impor a heterossexualidade e a cisgeneridade como modelos únicos e válidos, impõe um sistema de estigmatização e marginalização para aqueles que não se encaixam nesse padrão. Santos & Figueiredo (2021) exploram como essa imposição gera diversos impactos negativos na vida das



peças LGBTQIAPN+, como: limitação da autoexpressão, dificuldades na navegação social e negação de direitos.

O artista piauiense Getúlio Abelha, também em 2021, lançou seu álbum de estreia chamado “Marmota” e trouxe diversas influências musicais unidas ao forró, símbolo da musicalidade nordestina. A música “Perigo” aborda profundas reflexões que dialogam com a complexidade de ser uma pessoa dissidente, como a experiência da construção de subjetividade moldada pelas tensões e medos da violência, conforme expõe no trecho: “Posso ser frágil para o que me ameaçar / Mas acredito que também sou capaz de machucar / Não quero ser o responsável por fazer algo ruim / Isso é só o que eu invento para eu confiar em mim”.

Kveller, Cavalheiro & Tietboehl (2021) discutem como a “queeridade” é vista como uma “ameaça radical” e um “espaço de abjeção” que precisa ser constantemente recusado pela ordem social. Isso sugere que as pessoas *queer* enfrentam a sensação de não pertencimento a essa ordem dominante, ou como posto por Ramos Filho (2024), não encontram lugares ou pertencimento social na sociedade. A palavra “perigo” dá nome a música e também coloca em relevo o estereótipo, amparado em viés moralista e religioso, de que ser LGBTQIAPN+ é de alguma forma “contagioso”. Este mecanismo funciona para perpetuar a exclusão social e está presente em discursos como “tudo bem ser gay, mas não precisa se beijar em público” ou “querem doutrinar as crianças a seres gays também”.

Quando o Getúlio (2021) expressa “e apesar da minha vulnerabilidade / eu posso ser o perigo dessa cidade” reclama a possibilidade de ver e entender o “perigo” enquanto um deslocamento de poder frente a vulnerabilização social que o atravessa. A heteronormatividade na realidade nordestina empurra muitas existências dissidentes para experimentar o isolamento social e a falta de representatividade em diversos espaços sociais.

A heteronormatividade, segundo Araújo (2018), opera nos níveis de exclusão e assimilação. Ela exclui todos os corpos que não se conformam às determinações da regra heterossexual, tornando-os excluídos do acesso aos direitos universais garantidos por sua condição *queer*. Além disso, a heteronormatividade investe na captura destes corpos, visando assimilá-los nas prescrições da norma. Cria-se um gradiente de normalidade, no qual os corpos são distribuídos de acordo com níveis de transgressão, e direitos são garantidos apenas quando são assimilados, ainda que fragmentariamente, pela heteronormatividade.

Em geral, é recorrente a percepção que as cidades nordestinas de menor porte trazem embates ainda mais delicados para se transitar pelo território enquanto existência dissidente. Não podemos deixar de frisar que existem dificuldades no acesso às políticas públicas ou serviços de



saúde, por exemplo, uma vez que a notícia de que “fulano é gay” ou “beltrana é lésbica” causa uma ruptura agressiva na posição que aquela pessoa ocupa na sociedade, fruto da estigmatização.

Ao pensar na(s) sexualidade(s) no cenário da pós-modernidade nos alinhamos com o olhar de Preciado (2011) ao firmar o quanto as identidades das(os) anormais são potências políticas, pois o âmbito biopolítico permite agenciamentos nos quais há uma constante re-criação de outras possibilidades de viver. O corpo *queer/cuir* é também aquele que faz o trabalho de desterritorialização da heterossexualidade, processo que demanda contornar o discurso do destino biológico dos corpos que está enraizado em todas as instituições da sociedade. Ou seja, ao passo que existem as opressões também existem movimentos de rebeldia, insurgências e desobediências. Getúlio Abelha (2021) faz reverberar este modo de ocupar o mundo ao subverter o sentido de “perigo” usado para o aprisionamento.

4 ABRINDO CAMINHO NA ESCURIDÃO

4.1 Cena 1: As garras da heteronormatividade

Nó na garganta
náusea
me vejo sufocada
trânsito enviesado
consciência sequestrada
Até onde o medo pode me carregar?
quantos kms de angústia consigo navegar?
Um não lugar produzido
fabricado
milimetricamente
pra eu me desconsiderar
matar a mim mesma
nômade
caminhar trôpego
correr atrás e não ver o chão

(MENDES, Angélica. **Lembrete para aprender a falhar.** 2024).

Esta primeira cena apresenta uma forte carga emocional que reflete a experiência de uma pessoa LGBTQIAPN+ ao lidar com as garras e amarras da heteronormatividade. Ao evocar sentimentos difíceis de sufocamento e angústia, ilustra a pressão exercida pela sociedade para que ignore suas emoções e, forçadamente, se encaixe nos ditames cisheteronormativos, a despeito de corresponder ou não à sua verdadeira identidade. A autoria *cuir*; neste momento, acessa memórias que a levam a reconstruir cenas de sofrimento que perpassam diversos momentos da vida, inclusive antes mesmo da sua própria autoaceitação, e que voltam a se repetir no seu mundo interior.

A imagem do “nó na garganta” sugere a sensação do impedimento de se expressar plenamente, enquanto o “trânsito enviesado” e a “consciência sequestrada” apontam para a dificuldade de navegar em um mundo que não reconhece nem acolhe a diversidade das experiências



LGBTQIAPN+. Resgatamos a conexão com Tertuliana Lustosa (2023) quando diz que o corpo como um todo carrega saberes, e a arte, neste caso o processo de escrita de um poema, expressa tanto fronteiras entre saberes, quanto possibilidades de se ser dissidente frente às demandas vividas em dada localidade e contexto.

Enquanto uma pessoa bissexual, ao cursar a graduação em Psicologia, estranhava o silêncio ao redor das pautas de gênero e diversidade sexual, o descrédito tentava ser manipulado para mostrar-se velado, pois quando se questionava sobre a inexistência de uma disciplina voltada especificamente às temáticas o argumento recebido era de que os professores tocariam nessas temáticas de forma transversal nas outras matérias. Em outras palavras, irrisório era o espaço para dialogar sobre as experiências contra-hegemônicas de forma detalhada. Aquela realidade estava distante do considerado minimamente satisfatório para o arcabouço de futuras(os) profissionais da psicologia, então a chama da indignação foi mantida acesa.

Naquele cenário acadêmico, assim como majoritariamente acontece, era ocupado por pessoas brancas e cisheterossexuais. A presença do trecho “me vejo sufocada” remete a ausência de pluralidade naquele ambiente construído para não nos caber. Existia uma ansiedade que reverbera no corpo diante da repressão através dos olhares recebidos e hostilidade sentida, em razão dos posicionamentos enquanto graduanda e também por ser uma mulher bissexual, naquela temporalidade, começando a me permitir e vivenciar minha sexualidade. O medo de ser questionada naquele espaço evocava o sentimento de vergonha, mesmo internalizando que não havia erro em não ser uma pessoa heterossexual.

A menção ao “não lugar produzido”, ao sentimento de desconsideração e autonegação ressalta o impacto da heteronormatividade na construção da identidade, levando a uma busca por pertencimento e validação em um ambiente hostil. Uma sensação de fragilidade e luta interna, ilustrando os desafios enfrentados por pessoas que buscam afirmação da identidade em meio a um contexto social que muitas vezes resulta em marginalização. É pertinente aqui trazer o contexto da racialidade, uma vez que a marca de ser um corpo branco proporciona experimentar certos privilégios que a branquitude dispõe no tecido social.

Esse lugar “nômade / caminhar trôpego / correr atrás e não ver o chão” transmite a sensação de deslocamento, vulnerabilidade e falta de apoio, representando a experiência de tentar encontrar um lugar no mundo sem um caminho claro ou suporte sólido. Indicamos agora a mudança da autoria que dialoga neste trabalho. Esse lugar descrito é bastante conhecido, durante décadas eu tentei me conformar com a imposição da heteronormatividade. Minha jornada de autodescoberta como homem gay em um mundo que insiste em me empurrar para um caminho pré-definido foi



árdua e desafiadora. Essa busca incessante por aceitação, diante das amarras da cultura nordestina, me obrigou a negar minha verdadeira essência por longos anos, até essa realidade começar a mudar posteriormente.

Por ser residente de uma cidade do interior do Nordeste brasileiro, lugar marcado por uma hierarquia de gênero enraizada na colonização e na cultura agrícola da região, ser um homem gay assumido neste contexto apresenta seus próprios desafios, principalmente quando se está casado com outro homem. Trazendo acerca de experiências do cotidiano no contexto que vivemos, um condomínio de classe média com cerca de 200 casas, somos um dos sete casais LGBTQIAPN+. No entanto, somos o único que demonstra abertamente a relação, seja através de gestos de carinho ou simplesmente andando de mãos dadas.

Essa postura, que transcende o âmbito pessoal e se torna política, declarando a existência de casais gays, tem um custo alto. Sofremos isolamento social, com a maioria das pessoas evitando qualquer tipo de contato conosco, inclusive membros da própria comunidade LGBTQIAPN+. É como se nossa visibilidade quebrassem um acordo tácito de silenciamento e discrição, fruto do pacto com a hegemonia heteronormativa. Fomos vítimas de diversas acusações, desde a rotulagem de comportamentos inapropriados nas áreas comuns (como um simples selinho) até calúnias mais graves, como a de que influenciávamos negativamente as crianças com sons durante o sexo, algo que nunca foi comprovado ter origem em nosso lar.

Os versos “um não lugar produzido / fabricado / milimetricamente / pra eu me desconsiderar” retratam com maestria um ambiente meticulosamente planejado para desvalorizar e desconsiderar a pessoa *dissidente*. Essa construção social exerce uma pressão constante para que nos enquadremos em normas que negam nossa verdadeira identidade. Wittig (2022) explora como a heteronormatividade é uma construção social que é mantida por mecanismos de poder e controle, e como as pessoas *queers* podem se organizar para resistir a esses mecanismos e criar espaços de aceitação e reconhecimento.

A pessoa *cuír* se encontra em um paradoxo: não desejar frequentar esse “não lugar”, mas o encontra em todos os lugares que vai. Essa onipresença da heteronormatividade torna a fuga quase impossível, exigindo uma luta constante contra a invisibilidade e a marginalização. A luta, no entanto, pode ser (e é) cansativa. A constante necessidade de se defender e afirmar sua existência gera um desgaste emocional e físico. A pessoa LGBTQIAPN+ se encontra em um ciclo de resistências e cansaços, buscando um espaço onde possa ser quem realmente é sem precisar lutar por isso.

As experiências de uma mulher bissexual no ambiente acadêmico e de um homem gay no



interior do Nordeste brasileiro, aqui narradas, embora distintas, revelam pistas complementares da vivência LGBTQIAPN+ sob a opressão da heteronormatividade. Enquanto a primeira narra a busca por espaço e reconhecimento em um ambiente educacional majoritariamente cisheteronormativo, o segundo reflete sobre os desafios de afirmar sua identidade em um contexto social e territorial mais amplo, mas igualmente hostil. Essas trajetórias, marcadas pela luta por validação e resistência à exclusão, ilustram como a heteronormatividade opera em múltiplos âmbitos da vida.

4.2 Cena 2: Florescer da autoaceitação

F A L H A R
até ser aquela que falha bonito
pessoa insistentemente falha
Me recuso a desistir de mim
(de nós)

(MENDES, Angélica. **Lembrete para aprender a falhar.** 2024).

A entrada na Universidade não raro representa um momento catalisador para ampliação de experiências e vivências da sexualidade. Narrar sobre as afetações vividas ao longo do percurso acadêmico torna-se essencial para localizar quem nos lê sobre os sentidos atribuídos ao longo do caminho em direção à autoafirmação enquanto pessoa bissexual. Quando adentrei no Movimento Estudantil de Psicologia (MEPsi) entendi que os meus incômodos não eram só meus, que essa é uma realidade compartilhada com tantas(os) outras estudantes, ativistas e pesquisadoras(es) nordeste a dentro e país afora. A partir desses encontros recalculei a dimensão de algumas solidões.

Conheci a potência de me conhecer em outras pessoas que sentem tantos questionamentos de forma parecida. Conheci o sabor adocicado do acolhimento diante das dúvidas que me assombravam. Conheci que o “não lugar” era sim um lugar habitado por tantas outras pessoas. Ao se mover nessas direções disruptivas novamente trazemos Nego Bispo (2023, p. 15) quando expõe: “um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo *e* outros rios, ele se fortalece. (...) A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia.”

O trecho “F A L H A R” remete ao movimento de subverter o lugar de invisibilidade, apagamento e solidão que queriam (e querem) me colocar. Ser um sujeito que falha diante do que é ordenado produz certos desconfortos, mas também produz potência de vida. Queriam (e querem) me fazer escolher um lado para me comprar em troca de algum alívio, mas dentro de mim não existe a demanda por escolha alguma. Portanto, o verso “até ser aquela que falha bonito / pessoa insistentemente falha” reflete sobre o processo de reaprender a se ver e se colocar no mundo com orgulho diante de quem se é, fazendo referência a uma estética ao redor do “falhar”.



Através das relações dialéticas e estudos de formações políticas senti que as possibilidades de se caminhar no mundo enquanto resistência fizeram florescer uma segurança que corresponde a uma postura ética e política perante a minha existência. Abriu-se a possibilidade de dar outro sentido ao ato de falhar e para aprender a falhar é preciso sustentar a recusa desse mundo que rotula com autoritarismo. Nós queremos outro mundo. É a imposição da falha que queremos desobedecer.

Compreender a bissexualidade enquanto expressão da minha existência não foi caminho atravessado de forma rápida, pouco a pouco fui colocando “minhas tripas no papel”, como recomenda Gloria Anzaldúa (2000). Abri espaço para me aproximar de mim com a curiosidade de me conhecer. Abraçar esta bandeira me trouxe vivacidade, alianças nutritivas e força para seguir. Quando expõe-se “Me recuso a desistir de mim / (de nós)” há diálogo com a impossibilidade de se quebrar o vínculo entre as lutas individual e coletiva, tais processos caminham lado a lado por estarem inseridos um dentro do outro.

A recusa em desistir de si mesma e a menção ao “nós” pode ser interpretada como um ato de resistência contra a imposição da heteronormatividade (Engelmann; Kuch, 2022), portanto, é um lembrete poderoso para destacar a importância da autenticidade e da resistência contra as expectativas opressoras advindas da sociedade. Na vivência enquanto um homem gay, a ideia de “falhar bonito” pode ser associada à pressão para se encaixar nos padrões de comportamento, identidade de gênero e orientação sexual considerados “aceitáveis” pela sociedade heteronormativa. Neste aspecto, eu posso dizer que falho todos os dias. Para melhor contextualizar minhas experiências, é fundamental mencionar que vivi em um casamento com uma mulher cis por mais de uma década. Durante esse período, internalizei os privilégios da heteronormatividade, como Ramos Filho (2023) explora em seu estudo. Essa bagagem, mesmo em um relacionamento homoafetivo atual, me leva a reclamar esses privilégios, resistindo e subvertendo a lógica heteronormativa.

Os privilégios que reivindico para mim são todas as possibilidades que uma pessoa heterossexual possui. No meu ponto de vista, é como se eu estivesse dizendo: se o heterossexual pode, eu também posso. Em outras palavras, estes privilégios incluem demonstrações públicas de afeto, liberdade para expressar minha sexualidade (por exemplo, apresentar meu marido como “marido” e não apenas como companheiro), não me sentir culpado pela minha orientação sexual e não aceitar ser condicionado a representar toda a comunidade LGBTQIAPN+.

Lembro-me de uma conversa com uma colega de trabalho. Ela narrava a relação não monogâmica de um casal de amigos gays, finalizando com a frase: “Vocês gays são todos assim”, insinuando que a escolha por uma relação não monogâmica era algo perverso ou imoral. Imediatamente, questionei: “Nós quem? Poderia explicar melhor?”. Minha pergunta gerou



um desconforto e, logo em seguida, um pedido de desculpas. Essa experiência ilustra como a heteronormatividade, ao impor a monogamia como a única forma válida de relacionamento, perpetua estereótipos e rotula grupos inteiros. A frase “você gays são todos assim” ignora a diversidade que existe dentro das homossexualidades reduzindo indivíduos a uma única definição.

Recentemente, durante a festa junina no meu condomínio, mergulhei em uma série de reflexões. Eu faço questão de estar presente nestes eventos para que possa demarcar um território para as existências *queers* onde vivemos. É, na verdade, uma postura insubmissa a heteronormatividade. Nestes lugares, me comporto como qualquer casal, tomando para mim (nós) o lugar de (r)existência. Confesso, que pela primeira vez, me senti desconfortável com os olhares, que interpretei como julgadores, por estar apenas vivendo a vida.

É uma situação difícil de descrever com exatidão, mas comum aos sentimentos das pessoas dissidentes. Lá, encontrava-se, minha cantora local preferida (minha vizinha de condomínio) performando seu show, enquanto dançava com meu marido no salão. Ao nos ver dançando juntos no centro da festa, ela validou nossa existência e nosso amor, nos cumprimentando pelo microfone, anunciando nossa presença. Sua postura contribuiu para a criação de um espaço de resistência contra a heteronormatividade. Éramos o único casal LGBTQIAPN+ na pista de dança, e a sensação de desconforto me fez desistir após dançarmos apenas uma música. Estas são algumas formas de buscar ocupar espaços, mesmo que em determinado momento seja necessário recuar de determinado local a partir de desconfortos ou possíveis violências.

Ao colocar “minhas tripas no papel” (Anzaldúa, 2000), exponho a minha vulnerabilidade, o sentimento de não pertencimento, a sensação de estar acuado. Porém, mesmo diante das adversidades, sigo lutando e me torno um símbolo para o condomínio que não sairei do meu lugar. Também, me torno um farol de esperança para mim mesmo, repetindo e lembrando a necessidade da existência *cuír* continuar ocupando os espaços. A autoaceitação é uma jornada que movimenta-se de acordo com o fluxo das experiências, uma vez que ao impactar o mundo também somos impactados de volta.

A vivência da mulher bissexual em um ambiente acadêmico, neste texto, ilustra como a invisibilidade e a pressão social moldam as vivências de pessoas LGBTQIAPN+. Sua luta por espaço, reconhecimento e afirmação dialoga diretamente com outras histórias de resistência e enfrentamento, que se manifestam de maneiras distintas, mas igualmente potentes, em diferentes contextos.

Um desses contextos é o de um homem gay que, mesmo compartilhando das dores do “não



lugar”, explora o processo de autoaceitação em um ambiente social e doméstico carregado de heteronormatividade. Enquanto a primeira narrativa aborda a luta dentro do ambiente acadêmico, a segunda foca no cotidiano de trabalho e das vivências pessoais de resistência dissidentes. Ambas refletem, à sua maneira, a complexidade da existência LGBTQIAPN+ em uma sociedade excludente, mas também evidenciam o florescer de um processo de autoaceitação.

5 CONSIDERAÇÕES (QUE NÃO SÃO) FINAIS

Acreditamos que até chegarmos à escolha de nos debruçarmos nas narrativas em sexualidade, batalhas vêm sendo travadas desde muito antes. Nos deparamos com diferentes níveis de entraves e evitações, pois outras narrativas constantemente são sugeridas para tentar nos fazer desviar do pulsar dos nossos desejos. As epistemologias *queer/cuir* formam um tecido costurado por muitas mãos, de diferentes cores e formatos. A poética da narrativa de si aponta para o reconhecimento das singularidades e incompletudes, também é convite para se manchar de criatividade que se expressa como potência de vida.

A colonialidade exige obediência levando os corpos marginalizados a forçar uma performatividade capaz de ser assimilada às esferas sociais e no universo acadêmico esta faceta também se apresenta, ao passo que há uma categorização de temáticas e metodologias “suficientemente boas”, de acordo com o crivo hegemônico. Em sua carta, Anzaldúa (2000) nos relembra da necessidade de permanecer no enfrentamento, expressa: “escrevo para registrar o que os outros apagam enquanto falo, para reescrever as histórias mal ditas sobre mim, sobre você.”

Diante dos entrelaçamentos expostos ao longo desta produção, torna-se visível o quanto a construção das subjetividades perpassam aspectos de gênero e sexualidade, econômicos e de classe social, étnicos/raciais, culturais e regionais, geracionais, religiosos, dentre outros. A experiência LGBTQIAPN+ comumente se caracteriza por um constante processo de deslocamento, vulnerabilidade e carência de apoio. Halberstam (2005) também explora como indivíduos *queers* e transgêneros navegam por um mundo frequentemente hostil às suas vivências e identidades de gênero. A construção da identidade dissidente se configura como uma luta árdua contra tais autoritarismos e moralismos, buscando aceitação e reconhecimento para alcançar a autoafirmação, plena integração social e dignidade.

É crucial mencionar a necessidade de proteção à saúde mental da população LGBTQIAPN+ enquanto uma pauta urgente, uma vez que há inegável agravamento de sofrimento psíquico quando não se tem suporte através de pessoas de confiança e espaços seguros para partilhar dúvidas, conflitos sobre si e sobre o mundo. Estabelecer esses espaços de acolhimento e compreensão



é caminho essencial na promoção de bem-estar emocional e psicológico dentro da comunidade LGBTQIAPN+.

A poética da narrativa de si caminha para o resgate do sonho de liberdade que aprendemos a calar e fazer adormecer, em nome da sobrevivência. Se reconhecer falha é entendido enquanto resgate de si, desmembrando-se do estigma de “falha” produzido pela máquina colonial e cisheteronormativa. Mas nós queremos continuar confabulando outros mundos através das epistemologias *queer/cuir*. E eles existem, pois este texto também é uma marca da sua existência.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALÓS, Anselmo Peres. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética *queer*. *Revista Estudos Feministas*, v. 18, n. 3, p. 837–864, set. 2010.

ANTAS, Kelly Cordeiro; GARCIA, Paulo Cesar Souza. O cabra-macho como signo de valentia e violência. *Seminário Interlinhas*, v. 1, n. 1, 2022.

ANZALDUA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 08, n. 01, p. 229-236, 2000. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000100017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 nov. 2025.

ARAUJO, Dhyego Câmara de. Heteronormatividade jurídica e as identidades LGBTI sob suspeita. *Revista Direito e Práxis*, v. 9, p. 640-662, 2018.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora. Piseagrama, 2023.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 25. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

COLLING, Leandro; SANT’ANA, Tiago dos Santos de. O que acontece quando o *queer* entra nos museus brasileiros?. 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010

ENGELMANN, Andressa Marianne Salles; KUCH, Isabelle Elisandra. Práticas culturais heteronormativas e suas repercussões na clínica analítico-comportamental: um relato de caso. *Perspectivas em análise do comportamento*, v. 13, n. 1, p. 157-169, 2022.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Pesquisa de tipo teórico. *Psicanálise e universidade*, v. 1, n. 1, p. 9-32, 1994.



HALBERSTAM, Judith. *In a queer time and place: Transgender bodies, subcultural lives*. New York: NYU Press, 2005.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, [S. l.], n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 01 nov. 2025.

KVELLER, Daniel Boianovsky; CAVALHEIRO, Rafael; TIETBOEHL, Léo. Infâncias, teorias queer, psicanálises: Para além do princípio do progresso e da heteronormatividade. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 237-255, ago. 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652021000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 jun. 2024. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n02A02>.

LIMA ARRAIS, Maria Nazareth. O conto popular do nordeste do Brasil: uma leitura psicosssemiótica do arquétipo feminino. *Acta Semiótica et Lingvística*, v. 18, n. 1, p. 57, 2013.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LUSTOSA, T. M. Educando com o cu: Introdução às pedagogias do corpo e do prazer. *Revista Periódicus*, [S. l.], v. 2, n. 19, p. 180–192, 2023. DOI: 10.9771/peri.v2i19.55050. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/55050>. Acesso em: 22 jan. 2025.

NORDESTE FICÇÃO. Intérprete: Juliana Linhares. Compositora: Juliana Linhares e Rafael Barbosa. In: Nordeste Ficção. Intérprete do álbum: Juliana Linhares. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1e1Sa9ImhRGd8D7jJc3NRe?si=e40aebca9deb4c2e>. Acesso em: 01 nov. 2025.

PELOSO, Silvano. *Medievo no sertão: tradição medieval europeia e arquétipos da literatura popular no Nordeste do Brasil*. Natal: EDUFRN, 2019.

PERIGO. Intérprete: Getúlio Abelha. Compositor: Getúlio Abelha. In: Marmota. Intérprete do álbum: Getúlio Abelha. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2yym2BixFd4lgM5ru7F2iu?si=5b89cf9aee5646f5>. Acesso em: 01 nov. 2025.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.19,n.1, p.312, jan/abr 2011.

RAMOS FILHO, Augusto. A prisão da virilidade: repressão dos desejos emocionais e sexuais de homens homossexuais não assumidos. In: Oliveira, Felipe; Silva, Ronaldo. (Orgs.). *Corpos em Diálogo: Vivências LGBTQIA+ e os desafios da interseccionalidade*. Foz do Iguaçu: Claec,



2024. p. 27-40. Disponível em: <https://publicar.claec.org/index.php/editora/catalog/view/103/102/955>. Acesso em: 19 jun 2024.

RAMOS FILHO, Augusto Ferreira. Privilégio heteronormativo: uma reflexão a partir de vidas LGBTQIAPN+. *Diversitas Journal*, v. 8, n. 3, p. 2510-2525, 2023.

SANTOS, Alessandra Matos; FIGUEIREDO, Ingrid Porto. Heteronormatividade e a Posse na Subjetividade. *Atas de Ciências da Saúde*, v. 9, n. 1, p. 12-12, 2021.

SANTOS, Vivian Matias dos. Notas Desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, p. e200112, 2018.

SOARES, Diego; QUADROS, Laura; MATTOS, Amana. O Pranto nas Masculinidades Negras: Das águas de AmarElo que (de) moram nos olhos. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 5, n. 16, p. 146-170, 2022.

SOUSA, Christian Gustavo; COLLING, Leandro; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. Provocações iniciais para pensar o pós-queer/cuir no Brasil da atualidade. *Conceição/Conception*, v. 13, 2024.

VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3YtpZm1>. Acesso em: 21 jan. 2025.

WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

